

A Missão na cidade a partir do Documento de Aparecida

Paulo Sérgio Leme¹

INTRODUÇÃO

Por milhões de anos a vida humana sobre a terra esteve inserida imediatamente na ecologia rural que era parte da paisagem rural. Evidentemente, cidades sempre existiram, mas a vida urbana era minoritária. No entanto, alguns indicadores avisam que houve uma inversão em até 80% em poucas décadas do final do século XX: se antes tínhamos apenas 20 % da humanidade em áreas rigorosamente urbanas, hoje temos 80 %.² A grande maioria de nós é de origem rural. Ou nós mesmos viemos do campo para cidade, ou foram nossos pais que tomaram essa decisão. E, já que somos de origem rural, ainda trazemos em nossa cultura e em nossos comportamentos muitas características que tornam difícil a aceitação da cultura urbana e do modo urbano de ser.³

Este trabalho irá limitar-se a recortes bem específicos, entre muitos possíveis, dentro da temática proposta. O foco aqui será dirigido à temática da missão na cidade a partir Documento de Aparecida, em vista de detectar dinamismos que percorrem e condicionam a presença da Igreja na cidade.

1. ANALISE DA REALIDADE: O ESPAÇO URBANO

O desenvolvimento das forças produtivas gera mudanças constantes e essa modificação rápida e profunda do espaço urbano gera novas formas de configuração espacial, novo ritmo de vida, novo relacionamento entre as pessoas e, conseqüentemente, novos valores. O espaço se configura cada vez mais na perspectiva de uma dimensão mundial e as relações entre os

¹Graduado em teologia e Filosofia pela PUCCAMP e mestrando em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisador no grupo de pesquisa A ética cristã e a realidade social - ECRES, do(a) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalho relacionado à pesquisa de pós-graduação, sob orientação do prof. Dr.Tarcísio Justino Loro - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

² SUZIN, Luiz Carlos. Missão em um tempo de mudanças profundas e desafios culturais inadiáveis. Concílio Vaticano II: Análise e prospectivas. Paulinas. São Paulo, 2004. p. 25-26.

³ CONBLIM. José. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Editora Paulus, 2002. P. 9-10.

homens dependem cada vez mais de decisões tomadas a milhares de quilômetros do seu local de residência. As comunicações se desenvolvem e com ela a frequência dos contatos. O fator distância é eliminado pelo desenvolvimento dos jatos, dos satélites e da informática. Esses, dentre tantos outros fatores da atual conjuntura, abrem novas perspectivas para se pensar hoje a cidade.⁴

A cidade se converteu no lugar próprio das novas culturas que estão sendo geradas e se impondo, com uma nova linguagem e uma nova simbologia. Esta mentalidade urbana se difunde também, no próprio mundo rural.⁵

A discussão do urbano permite pensar o espaço também como produto de lutas, fruto de relações sociais contraditórias, criadas e aprofundadas pelo desenvolvimento do capital. Assim, no embate entre o que é bom para o capital e o que é bom para a sociedade o urbano se produz, a cidade se estrutura e a paisagem ganha sua configuração.⁶

Hoje quando se precisa da natureza da cidade, para além de suas formas, esse é um resgate necessário. Assim, é necessário se pensar a cidade a partir de dois pontos de vista indissociáveis e contraditórios.⁷

A formulação da problemática urbana, portanto, não se reduz à cidade, mas refere-se a toda a sociedade urbana, em última análise ao homem, suas lutas e direitos. As contradições sociais emergem na paisagem em toda a sua plenitude: os contrastes e as desigualdades de renda afloram. O acesso a um pedaço de terra, o tamanho, o tipo e material de construção espelham nitidamente as diferenciações de classe. O acesso à habitação e aos meios de consumo coletivo será diferenciado.⁸

No mundo urbano acontecem complexas transformações socioeconômicas, culturais, políticas e religiosas que fazem impacto em todas as dimensões da vida. É composto de cidades satélites e de bairros periféricos. Na cidade convivem diferentes categorias sociais tais como as elites econômicas, sociais e políticas; a classe média com seus diferentes níveis e a grande multidão dos pobres.⁹

⁴ CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 69.

⁵ CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007. p. 226 e 227.

⁶ Ibid. p. 71.

⁷ CARLOS. p. 73.

⁸ Ibid. p. 77 e 78.

⁹ CELAM, 2007, p. 227.

As formas assumidas pelo processo de produção do espaço urbano – em função da divisão social e territorial do trabalho – refletem, necessariamente, a contradição entre um processo de produção socializado e sua apropriação privada. Implica a contradição entre os interesses e necessidades da reprodução do capital, de um lado, e do desenvolvimento da sociedade como um todo, do outro.¹⁰

A (re)produção do espaço é também o da reprodução da vida humana. O espaço urbano não se (re)produz sem conflitos e as contradições inerentes a uma sociedade de classes. As práticas não se reduzem apenas à produção imediata, dentro da fábrica. É na vida cotidiana como um todo que essas contradições se manifestam mais profundamente, nas diferenciações entre os modos de morar, o tempo de locomoção, o acesso à infraestrutura, ao lazer, à quantidade e tipos de produtos consumidos, etc. A cidade é expressão da materialização espacial das desigualdades sociais emergentes na sociedade atual.¹¹

2. SITUAÇÃO SOCIOCULTURAL

As grandes cidades são laboratórios da cultura contemporânea complexa e plural. A cidade se converteu no lugar próprio das novas culturas que se vão gestando e se impondo. Vivemos uma mudança de época onde os agrupamentos de pessoas não se dão espontaneamente, por vizinhança geográfica, mas de indivíduos que buscam estar juntos por suas afinidades eletivas, ainda que para isso devam superar os obstáculos e as distâncias espaços-temporais. Irrompem novos costumes onde a imagem imaterial, os vídeos, o mundo da virtualidade, nos quais se rompem as categorias do espaço e tempo. Isso tem impacto profundo não só na concepção do humano, mas igualmente nas relações humanas. Configura-se uma nova estrutura social da Era da Informação, a qual chamamos sociedade em rede porque é constituída por redes de produção, poder e experiência, que constroem a cultura do virtual nos fluxos globais transcendendo o tempo e o espaço.

¹⁰ Ibid. p. 80.

¹¹ CARLOS, 2013, p. 79.

Essa nova escala mundial do fenômeno humano traz consequências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também, naturalmente a religião. Interessa-nos saber como esse fenômeno afeta a vida de nossos povos e o sentido religioso e ético.¹²

A modernidade desfez o que o longo domínio do cristianismo tinha feito – repeliu a obsessão com a vida após a morte, concentrou a atenção na vida “aqui e agora”, redispôs as atividades da vida em torno de histórias diferentes, com metas e valores terrenos e, de um modo geral, tentou desarmar o horror da morte. Seguiu-se então o abrandamento do impacto da consciência da mortalidade, mas – mais essencial ainda – desligando-se esta da significação religiosa.¹³

Essa é a razão pela qual muitos estudiosos de nossa época sustentam que a realidade traz inseparavelmente uma crise de sentido. Eles não se referem aos múltiplos sentidos parciais que cada um pode encontrar nas ações cotidianas que realiza, mas ao sentido que dá unidade a tudo aquilo que existe e que nos sucede na experiência, ao que os cristãos chamam de sentido religioso.

Nossas tradições culturais já não se transmitem de uma geração à outra com a mesma fluidez que no passado. Vivemos uma mudança de época e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus. O individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando papel primordial à imaginação. Deixa-se de lado a preocupação pelo bem comum para dar lugar à realização imediata dos desejos dos indivíduos, à criação de novos e muitas vezes arbitrários direitos individuais.

Diante das incertezas e do risco, as pessoas buscam uma satisfação imediata. A publicidade conduz ilusoriamente a mundos distantes e maravilhosos, onde todo o desejo pode ser satisfeito pelos produtos que têm caráter eficaz, efêmero e até messiânico. Legitima-se que os desejos se tornem felicidade. Pretende-se alcançar a felicidade através do bem-estar econômico e da satisfação hedonista. Cada um se julga absolutamente dono

¹² CELAM, 2007, p. 28.

¹³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 217.

de suas decisões, aceitando cada vez menos as orientações da sociedade, mesmo os imperativos éticos mais elementares, gerando um clima de permissividade. A busca da felicidade, da realização pessoal, da satisfação do indivíduo, tomadas, porém, como absolutas, têm consequências negativas sobre as relações sociais, as instituições, os compromissos duradouros, que se tornam frágeis e facilmente descartáveis.¹⁴

Ao longo da história, as culturas foram geradas por pessoas que compartilham o espaço e tempo sob condições determinadas pelas relações de produção, poder e experiência e modificadas pelos seus projetos, lutando umas contra as outras para impor os seus valores e os seus objetivos à sociedade. Portanto, as configurações espaços-temporais eram importantíssimas para o significado de cada cultura e na sua evolução. No paradigma informacional surgiu uma nova cultura a partir da superação dos lugares e do anular do tempo pelo espaço de fluxos e pelo tempo atemporal.¹⁵

Verifica-se, em nível massivo, uma espécie de nova colonização cultural pela imposição de culturas artificiais, desprezando as culturas locais e com tendências a impor uma cultura homogeneizada em todos os setores. Essa cultura se caracteriza pela autorreferência do indivíduo, que conduz à indiferença pelo outro, de quem não necessita e por quem não se sente responsável. Prefere-se viver o dia-a-dia, sem programas a longo prazo nem apegos pessoais, familiares e comunitários. As relações humanas estão sendo consideradas objetos de consumo, conduzindo a relações afetivas sem compromisso responsável e definitivo¹⁶

O “ambiente” no qual estamos imersos e do qual participamos. Trata-se de uma cultura. A “cultura midiática”. Estamos inseridos num novo ambiente comunicativo que constitui uma “nova cultura”. O primeiro areópago dos tempos modernos é o “mundo das comunicações [...]”. Os meios de comunicação social alcançam tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais.¹⁷

As novas gerações são as mais afetadas por essa cultura do consumo em suas aspirações pessoais mais profundas. Em meio à realidade de mudança cultural, emergem novos sujeitos, com novos estilos de vida,

¹⁴ CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2008, pp. 25-26. (Coleção Documentos da CNBB – 87).

¹⁵ CASTELLS, M. (1972). *A questão urbana*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. P. 475.

¹⁶ CELAM, 2007, p. 33.

¹⁷ PUNTEL, Joana T. *A Igreja e os meios de comunicação na sociedade brasileira a partir do Concílio Vaticano II*. Em: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; Bombonato, Vera Ivanise (orgs). *Concílio Vaticano II: Análise e prospectivas*. Paulinas. São Paulo, 2004. P. 315-335.

maneiras de pensar, de perceber e com novas formas de se relacionar.¹⁸Frequentemente nos deparamos com novas tecnologias e corremos o risco de não as usar adequadamente. Mas aqui surge o “primeiro grande desafio”: não se trata apenas de a Igreja preparar-se “profissionalmente” para o uso das novas tecnologias e assim saber “mecanicamente” operacionalizar as novas invenções. O eixo fundamental reside no fato de compreender o que significa encontrar-se diante de uma verdadeira “revolução” tecnológica que exige ir além dos instrumentos, e tomar consciência das mudanças fundamentais que as novas tecnologias operam nos indivíduos e na sociedade como, por exemplo, nas relações familiares e de trabalho.¹⁹

Entre os aspectos positivos dessa mudança cultural aparece o valor fundamental da pessoa, de sua consciência e experiência, a busca do sentido da vida e da transcendência. A necessidade de construir o próprio destino e o desejo de encontrar razões para a existência pode colocar em movimento o desejo de se encontrar com outros e compartilhar o vivido, como maneira de dar a si uma resposta.²⁰

3. FUNDAMENTOS DA MISSÃO NA CIDADE A PARTIR DO DOCUMENTO DE APARECIDA

No documento de Aparecida a Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. As novas gerações nascidas na cidade são muito fragilizadas. Sabem como se virar na cidade, mas não acham satisfação. O modo de viver que a sociedade oferece deixa frustrações: solidão, estresse, dificuldade de comunicar-se, dificuldade de aceitar a si próprio, insatisfação com tudo que parece sem sabor. Daí o recurso ao sexo, às drogas, a paixão pela internet e a atração pelas religiões novas. Nesse contexto social a realidade para o ser humano se tornou cada vez mais sem brilho e complexa. É frequente que alguns queiram olhar a realidade unilateralmente a partir da informação econômica, outros a partir

¹⁸CELAM, 2007, p. 34.

¹⁹ PUNTEL. 2004. p. 332.

²⁰ CELAM, 2007, p. 35.

da informação política ou científica, outros a partir do entretenimento ou do espetáculo. No entanto, nenhum desses critérios parciais consegue propor-nos um significado coerente para tudo o que existe.²¹

De acordo com o Evangelho, o encontro com Deus realiza-se no encontro com o homem, de modo particular no encontro com o outro, com o pobre, com o marginalizado, com o rejeitado. O que é mais específico do evangelho é a experiência de Deus na aproximação com o outro. Na cidade estão os seres humanos. Ali Deus nos espera. Na cidade estão também os pobres, os rejeitados, os marginalizados. Ali Jesus espera os seus discípulos. Naquele tempo o Samaritano encontrou o seu próximo ferido e abandonado numa estrada. Hoje em dia esse próximo está nas cidades. Aí estão eles, aos milhares e milhões. A cidade torna os seres humanos mais livres e autônomos para decidirem eles próprios. Podem decidir e fazer livremente opção pelo caminho do Samaritano.²²

Os problemas da cidade atual são tremendos, sobretudo nas grandes metrópoles com mais de um milhão de habitantes. As maiores cidades quase não merecem o nome de cidades; são antes conglomerados sem forma e sem estrutura. Neles se debate e sobrevivem à duras penas milhões de membros de uma sociedade desintegrada em grande parte. No entanto, o gigantismo dos problemas não basta para explicar a imensa passividade de muitos.

Os Cristãos precisam recomeçar a partir de Cristo, a partir da contemplação de quem nos revelou em seu mistério a plenitude do cumprimento da vocação humana e de seu sentido pleno. Necessitamos fazer-nos discípulos dóceis para aprendermos dEle, em seu seguimento, a dignidade e a plenitude da vida. E necessitamos, ao mesmo tempo, que o zelo missionário nos consuma para levar ao coração da cultura de nosso tempo aquele sentido unitário e completo da vida humana que nem a ciência, nem a política, nem a economia e nem os meios de comunicação poderão proporcionar-lhe. Em Cristo encontra-se a sabedoria de Deus (cf. 1 Cor 1,30), a partir da qual é possível olhar a realidade no conjunto de todos seus fatores, discernindo-os à luz do Evangelho e dando a cada um seu lugar e sua

²¹ CELAM, 2007, p. 13; 28.

²² CONBLIM, 2002, pp. 15-16.

dimensão adequada.²³ Como disse o Papa Bento XVI em seu discurso inaugural em Aparecida: “só quem reconhece a Deus, conhece a realidade e pode responder a ela de modo adequado e realmente humano”.

Na experiência eclesial de algumas Igrejas da América Latina e do Caribe, as Comunidades Eclesiais de Base têm sido escolas que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, com testemunho e entrega generosa, até derramar o sangue de muitos de seus membros. Elas abraçam a experiência das primeiras comunidades, como estão descritas nos Atos dos apóstolos (At 2,42-47). Medellín reconheceu nelas uma célula inicial de estruturação eclesial e foco de fé e evangelização. Puebla constatou que as pequenas comunidades, sobretudo as comunidades eclesiais de base, permitiram ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho.²⁴

A construção da cidade supõe o entrosamento e a colaboração de muitas pessoas. O material é a união entre cidadãos. Ora, oportunidades para criar união e fomentar um agir comunitário não faltam. Quem vem do campo ainda não sabe aproveitar as oportunidades e os contatos humanos para preparar um agir comunitário. A vida urbana permite muitos contatos humanos no lugar de trabalho, no trem suburbano, no ônibus, na rua, na praça, no comércio, nos lugares de lazer.²⁵

Desde o surgimento das cidades mais antigas, houve um forte movimento associativo. É próprio da cidade que os habitantes procurem resolver os seus problemas juntos, por si mesmos, sem apelar para autoridades superiores. É verdade que hoje em dia as cidades estão situadas dentro dos estados Nações. Não há mais cidades totalmente independentes. No entanto os Estados são cada vez mais incapazes de oferecer soluções prontas para as suas cidades. Diante da decadência dos estados e diante da sua crescente impotência para enfrentar os grandes desafios dos povos, as responsabilidades do movimento associativo urbano crescem. Elas assumem cada vez mais iniciativas, realizando tarefas que parecem ser supletivas, mas

²³ CELAM, 2007, p. 13.

²⁴ Ibid, p. 91.

²⁵ CONBLIM, 1996, p. 21.

na realidade lhes pertencem legitimamente. A consciência de cidadania, isto é, do sentimento de responsabilidade pelo futuro da cidade está crescendo e constitui a principal fonte de esperança para o porvir das cidades. Associações de cidadãos vão assumir cada vez mais as tarefas que os Estados não podem mais realizar.²⁶

O que Jesus vem anunciar é que o amor a Deus é o amor ao próximo. Não há outra maneira de amar verdadeiramente a Deus que não seja o amor ao outro. O reino de Deus é a atuação do amor. O amor tem por objeto o outro: o outro é o diferente, o oprimido, o rejeitado, o excluído, o pobre. Amar aquele ou aquela que não pode retribuir, aquele ou aquela cujo nome nunca aparecerá nos meios de comunicação, amar gratuitamente.

4. PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E REFLEXÕES PEDAGÓGICO-PASTORAIS

O acelerado processo de urbanização constitui hoje para a evangelização um dos seus maiores desafios. Essa nova realidade da cidade exige uma reflexão pedagógico-pastoral mais aprofundada, para que a evangelização dentro do tecido urbano de hoje simplesmente não repita os esquemas pastorais tradicionais, marcados ainda pela experiência pastoral num mundo rural. Atento a esse desafio, o documento de Santo Domingo recomenda uma “pastoral urbana inculturada”. Para isso “a Igreja deverá inculturar o Evangelho na cidade e no homem urbano”.

Há uma exigência de um programa de pastoral na cidade. É importante detectar dinamismos que percorrem e condicionam a presença da Igreja na cidade. A cidade pós-moderna mudou. A Igreja deve organizar sua pastoral não mais na cidade tradicional tricêntrica: ao redor da Igreja, da praça e da moradia. A moderna é policêntrica e se organiza ao redor de muitos centros definidos por interesses os mais variados, que dizem respeito à economia, à política, à cultura, à religião, ao lazer, etc. Tal estrutura, por sua vez, apresenta novas urgências à ação evangelizadora da Igreja, sendo preciso

²⁶ Ibid, p. 22.

buscar na sua própria dinâmica os elementos de compreensão para orientar a ação no todo complexo e contraditório que o constitui.

Um dos desafios atuais é gerar a experiência da fé eclesial. A geração antiga não consegue transmitir sua própria experiência religioso-eclesial da fé às novas gerações. Ela não consegue reproduzir seus valores. Abre a uma situação de múltiplas pertencas parciais. A fé cristã exige um sentido à realidade do “ser humano” como um todo e do universo (criação). Mas, vivemos um processo de fragmentação cultural e da consciência, próprios da condição pós-moderna.

A ação pastoral deve ser expressão de uma compreensão da fé e da Igreja no contexto pluralista e diversificado da realidade de hoje. Ela parte do entusiasmo pela missão, de uma “consciência missionária” viva, mas deve ter seu momento de racionalidade para organizar as ações frente à complexidade dos desafios no mundo de hoje.

O essencial da cidade são as relações humanas. O que mais vale não são os objetos ou toda a exterioridade da cidade. O que vale são as relações humanas. A cidade é feita, antes de tudo, pelas pessoas que nelas residem ou que por elas passam: edifícios, ruas ou estradas são meios a serviço das pessoas e estão subordinados ao relacionamento humano. A cidade é um centro de relações porque é uma comunidade de pessoas. E as pessoas humanas existem nas suas relações. A cidade subordinada à exaltação de poderes, seja eles religiosos, políticos ou militares, sofre uma distorção fatal.²⁷

A cidade tem por finalidade tornar possível e mais ampla a liberdade dos cidadãos, entendida no sentido ativo. A liberdade dos cidadãos é a capacidade de governar por si própria. A cidade é uma comunidade dirigida pelos seus próprios cidadãos. A cidade é uma sociedade que não aceita nenhum poder particular que lhe seja superior. Diante do Estado, uma cidade autêntica reivindica todas as liberdades ditas municipais, isto é, o seu destino, e não estar a serviço da grandeza ou do poder de um Estado.²⁸

Uma cidade verdadeira é uma organização das relações humanas tal que não haja mais privilégios de casta, de raça de sexo, de cultura

²⁷ Ibid, p. 46.

²⁸ Ibid, p. 48.

(imunidade judicial, imunidade fiscal, direitos hereditários, exclusividade de cargos ou responsabilidades sociais ou políticas). Tal igualdade somente é possível se os cidadãos estiverem organizados em associações. O essencial da cidade consiste em organizar um diálogo verdadeiro e um autêntico confronto entre todas as categorias sociais de tal modo que todos possam reivindicar com força a sua participação na cidade. A cidade é feita, em primeiro lugar, de instâncias de debate e de negociação antes de qualquer função específica.²⁹

O lugar do cristão é estar em meio das lutas pela essência da cidade, isto é, pelas liberdades municipais, pela igualdade entre todos os cidadãos, contra a secessão dos poderosos, pela solidariedade nos serviços públicos assumidos coletivamente. O perigo das paróquias urbanas é que se isolem das lutas da cidade inteira. Nas cidades, as grandes decisões, os grandes atos que fazem o ritmo da vida cristã devem estar em conexão com os ritmos da própria cidade. As decisões devem ser tomadas a partir da cidade como conjunto e as paróquias devem estar subordinadas a uma pastoral global da cidade. Os sacerdotes formam um colégio responsável pela presença da Igreja na cidade, concebida como projeto de vida comunitária. A espiritualidade consiste em traduzir, nas formas materiais da cidade, nos ritmos e nos blocos de matéria, a solidariedade humana, o amor ao próximo. Esse amor ao próximo se vive nas praças e nas ruas, nos edifícios públicos, nas manifestações da vida pública, tanto quanto no recinto da família ou das comunidades de base³⁰.

CONCLUSÃO

A principal reflexão que se apresenta com este trabalho é que a cidade se converteu no lugar próprio das novas culturas, das novas linguagens e de novas simbologias. Configura-se uma nova estrutura social da Era da Informação, a qual chamamos sociedade em rede porque é constituída por redes de produção, redes de poder e de experiência, que constroem a

²⁹ Ibid, p. 49 e 50.

³⁰ Ibid., p. 55.

cultura do virtual nos fluxos globais, que transcendem o tempo e o espaço. É importante detectar dinamismos que percorrem e condicionam a presença da Igreja na cidade. A ação pastoral deve ser expressão de uma compreensão da fé e da Igreja no contexto pluralista e diversificado da realidade de hoje. O essencial da cidade consiste em organizar um diálogo verdadeiro e um autêntico confronto entre todas as categorias sociais de tal modo que todos possam reivindicar com força a sua participação na cidade. O lugar do cristão é estar em meio das lutas pela essência da cidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMERÍNDIA. *V Conferência de Aparecida: Renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008.

BAUMAN. Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTELLS, M. (1972). *A questão urbana*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. P. 475.

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: CNBB / Paulus / Paulinas, 2007.

CONBLIM. José. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

_____. *Viver na cidade. Pistas para pastoral urbana*. 2ª Ed São Paulo: Paulus, 1996.

CONBLIM. José. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

_____. *Pastoral Urbana - O dinamismo na evangelização*. 3ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2008. (Coleção Documentos da CNBB – 87).

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumem Gentium*. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja).

PUNTEL, Joana T. A Igreja e os meios de comunicação na sociedade brasileira a partir do Concílio Vaticano II. Em: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; Bombonato, Vera Ivanise (orgs). Concílio Vaticano II: Análise e perspectivas. Paulinas. São Paulo, 2004. P. 315-335.

SUZIN, Luiz Carlos. Missão em um tempo de mudanças profundas e desafios culturais inadiáveis.

BRIGHENTI, Agenor; HERMANO, Rosario (orgs). A missão em debate: provocações à luz de Aparecida/ Ameríndia. São Paulo. Paulinas. 2010. p. 25-40.